

A GREVE FEMINISTA DO SUL: CONSTRUINDO UM FEMINISMO DECOLONIAL

LIVIAN LINO NETTO¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – livianlino@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é um recorte da pesquisa de Doutorado em Educação realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), na linha de pesquisa Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação, e tem por objetivo pensar uma possibilidade de feminismo decolonial, construído no Sul a partir das greves das mulheres iniciadas em 2017.

Antes da atual crise, mulheres do sul global já apresentavam alternativas radicais ao sistema capitalista e de opressão que coloca em risco as vidas de mulheres, especialmente as racializadas. Sendo assim as greves de mulheres que movimentaram o mundo a partir de 2017, especialmente na luta contra a violência de gênero, mostraram que o mundo atual precisa passar por mudanças estruturais em que reformas propostas por Estados, especialmente neoliberais, não são mais possíveis como alternativa para a minimização das violências.

Exemplo disso é o Brasil, e em meio à maior crise sanitária do planeta, temos um presidente que nega a ciência e faz campanha para a morte, utilizando “*fake news*”, fazendo propaganda de medicamentos não reconhecidos pela comunidade científica mobilizando a população para a rua em nome da economia. Assim, são atingidos principalmente os mais pobres, e grande maioria pareceu não acreditar que, o coronavírus era tão perigoso e mortal, e que em poucas semanas isso acabaria. Na Europa, as notícias já davam ideia do que estava por vir. Chegou, e de forma muito mais intensa, já que, hoje, somos o segundo país com maior número de mortes pela COVID-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, e terceiro em número de casos de contaminação, atrás de Estados Unidos e Índia. A crise é eminente.

Além disso, a situação que está posta para o mundo, coloca em evidência toda a desigualdade existente, produzida e administrada pelo capitalismo. A atual crise, confirma que o sistema vigente é insustentável: economicamente, socialmente, culturalmente, politicamente e biologicamente. É preciso uma mudança radical. O colapso da saúde mundial demonstra a necessidade de alternativas ao neoliberalismo global. A exemplo, a necessidade de um sistema de infraestrutura internacional de saúde pública, programas de renda básica e reconhecimento do trabalho de reprodução social, que foi escancarado com a pandemia. A greve das mulheres denuncia a emergência de uma revolução.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e que busca compreender a potência das greves feministas organizadas no sul do país como possibilidade de construção de uma alternativa ao mundo que estamos vivendo, a partir de um feminismo decolonial (VERGÊS, 2020).

Para isso pretende-se utilizar a psicologia das minorias ativas (MOSCOVICI, 2011), que concebe ao ser humano a possibilidade de transformação. Assim, os sujeitos se organizam individualmente ou em grupos para reivindicar suas posições criando estratégias de ação. São estes movimentos que Moscovici vai chamar de minorias ativas.

No caso das greves das mulheres, este grupo pode ser considerado uma minoria, não no sentido quantitativo, mas em relação a maioria hegemônica, neste caso, homens brancos, cis, ricos, e que controlam, por exemplo os corpos das mulheres através de políticas públicas, impedindo a legalização do aborto, que, no caso do Brasil, passa ainda por uma bancada evangélica. As mulheres, protagonizam desde muito tempo, movimentos que pretendem a transformação radical do mundo, criando lutas e reivindicando direitos já que as lutas acabam por politizar a consciência, fazendo com que o poder das minorias esteja, na definição, construção de espaços de participação, representação e negociação, criando outras representações que quando difundidas, influenciam as mudanças, podendo orientar práticas inovadoras ou renovadas (HERNANDEZ, ACCORSSI, GUARESCHI, 2013).

Assim, o feminismo de política decolonial surge como alternativa aos problemas gerados pelas relações coloniais e para as imaginações emancipatórias elaboradas neste contexto como alternativa a este mundo. Pode-se pensar que, ele é uma resposta das minorias ativas protagonizadas por mulheres, como alternativa radical de transformação.

A partir disto, pretende-se realizar entrevistas com as mulheres que organizaram a greve feminista a partir de 2017, a princípio na cidade de Pelotas. A fim de compreender quais foram suas motivações e estratégias de organização e luta política, como movimento do sul para o sul de transformação do mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Se o nosso trabalho não vale, produzam sem nós” (RAMÍREZ, 2017). Com esse lema, o Coletivo Ni una a menos, na Argentina, levanta a greve feminista que aconteceu em 2017, convocando às mulheres a pararem seus trabalhos, inclusive os reprodutivos, para protestar contra a violência de gênero, o feminicídio, a exploração econômica e no trabalho e a desumanização e desierarquização das mulheres, fazendo com que em 3 países, em especial os latino americanos, fossem parados no dia 8 de março.

A ideia é fazer da greve um instrumento político, e surge com o fortalecimento da extrema direita mundial, sendo um movimento transnacional moldado pelo Sul global, necessariamente anticolonial, antirracista e anticapitalista. Essa nova onda feminista ressignifica o sentido político das lutas e das greves de mulheres que o feminismo civilizatório acabou adaptando ao projeto civilizatório neoliberal. Por este

motivo é essencial combater o feminismo liberal que está falido, e que o movimento precisa superá-lo. (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019).

As ideias e práticas feministas liberais, difundidas em alguns espaços de liderança e representação, utiliza discursos de igualdade de oportunidade e acaba caindo na falácia da meritocracia, visto que, algumas mulheres alcançam postos de poder iguais aos dos homens, o que faz com que pareça que todas as mulheres podem disputar estes lugares. Mas ele, está a serviço do capitalismo mantém a opressão de gênero, de raça e de classe, reproduzido pela sociedade capitalista através do discurso de empoderamento, visto que mulheres racializadas continuam sendo as primeiras a morrer e a ser exploradas tanto pelo capital como por outras mulheres em situação privilegiada que terceirizam o trabalho reprodutivo: trabalho doméstico e de criação e cuidado de pessoas.

A partir das greves de mulheres do Sul global, especialmente, Argentina, Chile, Brasil, em que as mulheres cruzam a violência de gênero com o racismo, machismo e capitalismo, surge uma possibilidade de impulsionar o movimento feminista internacionalmente. Quando as mulheres denunciam em apresentações em diferentes lugares do mundo que o violador é o Estado, percebe-se que não há como avançar já que o Estado está a serviço do patriarcado e do capital. Não há possibilidade de reforma, é necessária uma revolução. As greves feministas foram capazes de politizar o rechaço à violência. O feminismo decolonial se opõe ao feminismo liberal e faz uma crítica substantiva ao capitalismo, colocando em pauta o trabalho até hoje invisibilizado de reprodução da vida, enfrentando a colonialidade do poder. Não é mais uma onda feminista, é uma alternativa ao imperialismo capitalista. O feminismo agora ataca a estrutura colonial racista, patriarcal e não aceita acordos com o poder. O que Veronica Gago (2020) vai chamar de potência feminista, que é uma teoria alternativa de poder que mostra para as mulheres tudo que elas são capazes e que não haviam permitido que elas experimentassem.

Este trabalho está em fase inicial, mas pretende apontar uma possibilidade, a partir das greves das mulheres do sul global que é preciso que exista uma transformação profunda em que as estruturas tradicionais de poder sejam dissolvidas. Não é possível seguir realizando a manutenção estrutural do capitalismo, do racismo e do colonialismo. Nesse sentido, os movimentos de mulheres que atacam as reformas neoliberais interseccionando classe, gênero e raça, relacionando a opressão com o capitalismo, o machismo e o patriarcado, surge a possibilidade de uma “potência feminista” propondo uma teoria alternativa de poder. Nesse sentido, o feminismo decolonial existe denunciando a opressão estrutural, e como possibilidade de transformação do mundo, a partir de economias e pedagogias feministas construídas no sul.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa está sendo estruturada, sendo assim pode-se apenas indicar possibilidades a partir das greves feministas ocorridas a partir de 2017, organizadas pelas mulheres do sul, como possibilidades de construir um movimento transnacional e que construa um feminismo que supere estruturas racistas, machistas e patriarcais, além de práticas anticapitalistas, visto que, é uma luta constante a denúncia da opressão. Para isto pretende-se, realizar entrevistas com as mulheres que organizaram a greve, em especial na cidade de Pelotas, e a partir



das psicologias das minorias ativas proposta por Moscovici (2011), identificar , se esta minoria pode influenciar para a mudança social, partindo da construção de um feminismo decolonial surgido com a organização das greves de mulheres.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%** Um Manifesto. Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela, KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos** [recurso eletrônico]: uma conversa em tempos de pandemia. São Paulo: Boitempo, 2020.

RAMÍREZ, Noelia. **‘Dia sem mulher’**: o mundo se prepara para uma greve internacional feminina. El País digital. Brasil, 6 de março de 2017. Acessado em 29 de setembro. 2020. Online. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/10/estilo/1486744741_095547.html

GAGO, Verônica. A potência feminista ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Elefante, 2020.

GOZALES. Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: HOLLADA, Heloísa Buarque de. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo; ACCORSSI, Aline; GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia das minorias ativas: por uma psicologia política dissidente. **Rev. psicol. polít.** vol.13 n.27 p. 383 – 387. São Paulo ago. 2013.

MOSCOVICI, Serge. Psicologia das Minorias Ativas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: UBU Editora, 2020.